Apresentação

A proposta do número 27 da revista **Scripta** é reunir os pesquisadores que participaram das Mesas Temáticas do IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Realizado entre os dias 8 e 11 de outubro de 2010, na Cidade de Ouro Preto, o Encontro foi uma iniciativa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Com o tema **ÁFRICA: DINÂMICAS CULTURAIS E LITERÁRIAS**, almejou constituir-se como um fórum de discussão sobre os repertórios culturais pelos quais a África se faz conhecer, problematizando-os. Além disso, intentou rever, sob o signo da diversidade cultural, conceitos e ideias a partir dos quais o continente é comumente pensado, e refletir sobre os diálogos que a literatura e as outras artes têm promovido com os horizontes políticos e sociais.

Como um dos resultados desses debates, a **Scripta** 27 coloca à disposição dos leitores algumas das reflexões produzidas por pesquisadores de várias universidades, brasileiras e estrangeiras, elencadas sob o tema das dinâmicas culturais e literárias a partir das quais a África é pensada hoje.

Moema Parente Augel, em “Vozes que não se calaram. Heroização, ufanismo e guineidade”, analisa o contexto da literatura pós-independência da Guiné-Bissau, destacando as vozes de dois autores já falecidos e pouco conhecidos, embora excelentes representantes da literatura guineense: Pascoal D’Artagnan Aurigemma (1938-1991) e Jorge Cabral (1952-1994). Em **Djarama e outros poemas** (1996), de Pascoal Aurigemma, a paixão pela terra natal soma-se a seu amor à pátria vitoriosa e a seus heróis, em versos louvando as belezas concretas de seu país e glorificando de forma idealizada a resistência ao opressor. Para a estudiosa, sagrado é o chão que fornece o alimento material, e sagrado é o chão embebido do sangue dos mártires e heróis. Por isso, mostra como, em Pascoal Aurigemma, a celebração dos heróis e mártires passa a constituir metonímia do momento mítico fundador da própria nação. Jorge Cabral é autor de um longo e pouco conhecido poema, “Um sonho – uma realidade”, de trezentos versos, onde, para Moema Parente Augel, a expressão crioula *Cabral ka muri!* (Cabral não morreu), presente no cotidiano guineense, está implícita no desenrolar das cenas que constituem uma verdadeira trama épico-dramática em que o eu poético mescla a realidade do acontecimento histórico com elementos de sua imaginação poética.

Estudos sobre a literatura angolana destacam a opção de vários estudiosos por abordar autores representativos dessa literatura no cenário internacional, como Pepetela, Ruy Duarte de Carvalho, Paula Tavares e José Eduardo Agualusa. Alexandre Veloso de Abreu, em “Narratologia e meta-historiografia: estratégias convergentes no romance **A gloriosa família**, de Pepetela”, analisa o romance do autor angolano em uma perspectiva narratológica e historiográfica, entendendo que a obra concilia refinada estética ficcional com reflexões sobre a identidade africana e conjuga excelência literária e representabilidade cultural. Maria Helena Sansão Fontes, em “Pós-modernismo e pós-colonialismo: questionamentos e interpretações”, reflete sobre a possibilidade de uma vivência do pós-modernismo na obra do escritor angolano Pepetela levando em conta as guerras de libertação africanas e as contradições inerentes ao processo de dominação cultural e de descolonização. A estudiosa considera que a metaficção historiográfica, sendo um viés constante na obra de alguns escritores pós-modernistas, também está presente na maioria dos romances de Pepetela. Investiga, então, como Pepetela, como ex-guerrilheiro e militante no processo de independência de Angola, revela sua experiência de ativista por meio de uma escrita que, ficcionalmente, indaga sobre o processo histórico angolano utilizando-se das marcas da metaficção historiográfica, que seriam a auto-reflexividade, o subjetivismo e a transcendência da história. Aline Tótolli, em “Ruy Duarte por ele mesmo: uma leitura de **Os filhos de Próspero**”, faz uma leitura da construção do narrador nos livros que compõem o ciclo do romance de Ruy Duarte de Carvalho. A autora defende que, na trilogia, o narrador se faz denunciando a obra como ficção. Por isso, procura explorar a dimensão metaficcional presente na obra do escritor angolano, na qual narrador e autor se confundem, de tal modo que Ruy Duarte passa a ser personagem de sua própria estória. Márcia dos Santos Nascimento, em “Por uma geografia poética: paisagem e escrita em Ruy Duarte de Carvalho”, investiga o percurso poético desse escritor angolano que transita entre a prosa e a poesia, a escrita e a oralidade, a literatura e a etnografia. Propõe-se ler os diversos registros utilizados pelo autor em sua escrita, partindo dos conceitos de autoetnografia e autoficção, com vistas a mapear uma geografia poética das savanas angolanas. Jorge Valentim, em “O outro gosto do sangue: sobre os vampiros de Paula Tavares e José Eduardo Agualusa”, retoma, intertextualmente, a temática do vampiro para propor uma leitura das representações ficcionais da imagem do personagem milenar e suas respectivas apropriações em textos de Paula Tavares e José Eduardo Agualusa, sublinhando algumas questões particulares da produção literária atual, tais como o signo da transitoriedade, o diálogo entre tradição e modernidade e a condição do sujeito contemporâneo.

Cabo Verde aparece também com destaque nesta edição da **Scripta**. Simone Caputo Gomes, em “O arquipélago literopintado: escritura literária de autoria feminina em Cabo Verde”, analisa a representação de Cabo Verde pela literatura de autoria feminina, que retrata (lê, pinta, desenha, esculpe, escreve, imagina) suas belas paisagens, seu cotidiano popular, seus perfis de mulher, sua riqueza cultural. Érica Antunes, em “Vera Duarte: ‘a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante’”, procura aliar sua pesquisa acerca da poesia de Vera Duarte, especialmente de sua primeira obra, **Amanhã amadrigada**, à perspectiva da própria autora, dialogando tanto sobre seu “fazer poético” quanto sobre a situação das mulheres cabo-verdianas na atualidade. Genivaldo Rodrigues Sobrinho, em “A poética das mornas de Eugénio Tavares”, analisa a morna como documento de registro da consciência coletiva, recorte de um patrimônio histórico, cultural e humanístico que, submetida à mestria da pena de Eugénio Tavares, constitui, além de uma marca identitária crioula, um dos marcos do lirismo literário cabo-verdiano.

Os diálogos entre a literatura brasileira e a literatura caboverdiana são destacados na reflexão de Antonio Aparecido Mantovani, que, em “Um olhar sobre as ruínas da casa e sua correlação com o conflito familiar nos romances **Os dois irmãos**, de Germano Almeida e **Dois irmãos**, de Milton Hatoum”, constata que o diálogo entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana não se esgota nas décadas de 30 e 40. Pesquisa como este diálogo pode ser observado até a atualidade e com extensão para outras regiões brasileiras, além do Nordeste. A partir desta reflexão, investiga, dentro do macrossistema literário de língua portuguesa e no âmbito das relações literárias contemporâneas entre Brasil e Cabo Verde, as tensões das personagens a partir do espaço da casa. Observa como, nos romances de Germano Almeida e Milton Hatoum, a casa, distante de sua função de aconchego, em vez de ser uma força de integração, transforma-se num ambiente hostil, que impõe o conflito fraterno que se estende aos espaços em seu entorno.

A literatura afrobrasileira é contemplada em três artigos. No primeiro, Cristina Prates, em “Discurso etnicoliterário: memórias poéticas em Conceição Evaristo”, busca compreender a tensão que se estabelece entre biografia e criação literária no romance **Becos da memória**, espaço no qual, para a estudiosa, se dramatizam várias vozes identitárias que, acordadas por uma poética da etnicidade, encenam histórias afro-mineiras, promovendo, pela alquimia da linguagem afetiva, a libertação das lembranças e a redenção do passado. No segundo, Josiley Francisco de Souza, em “Do encanto ao encontro de vozes afro-brasileiras na tradição oral”, procura perceber como, ao longo da história humana, em todas as sociedades, a

arte de contar sempre fez parte da nossa vida e garantiu a manutenção de memórias e saberes transmitidos no tecido das narrativas. Investiga a possibilidade de, no exercício dessa arte, ouvirem-se diálogos e ressonâncias entre vozes africanas e brasileiras observando o registro de contos orais realizado por Héli Chatelain (1859-1908), em Angola, no final do século XIX. E no terceiro, Marinei Almeida, em “Poesias de língua portuguesa: erotismo e sedução na e da linguagem”, procura pensar a imagem como o cerne fulcral da palavra poética. Leva em consideração o fato de a imagem fazer com que as palavras percam a sua mobilidade e a sua intermutabilidade. Conduz-nos a pensar a linguagem poética como um lugar da sedução, uma teia pegajosa em que poeta e palavra se debatem prazerosamente ou arduamente ao ponto de tal embate resultar no ato de transcendência da simples materialidade linguística. A partir dessas considerações, lê alguns poemas das literaturas de língua portuguesa refletindo sobre o erotismo na e da palavra poética e sobre a rede de imagens em que a linguagem funciona como lugar de desconstrução e reconstrução capaz de seduzir criador, leitor e universo (re)criado.

Espera-se, com o conjunto dos textos, contribuir, em alguma medida, com a necessidade de se discutir, no domínio da literatura, projetos políticos ligados à questão da nação que se proponham como alternativas à descrença contemporânea em relação ao futuro do planeta, associada ao chamado fim das utopias.

A **Scripta** 27 traz, como de costume, novidades literárias em quatro entrevistas com autores moçambicanos. Na primeira, a escritora Paulina Chiziane discute as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. Na segunda, o escritor Suleiman Cassamo apresenta sua escrita literária como expressão da fala do povo pela boca do próprio povo. Na terceira, Ungulani ba Ka Khosa defende que a literatura moçambicana tem que transportar os valores das culturas e das línguas locais. E na última entrevista, Mia Couto mostra como narrar o lado menos bonito e que muitas vezes não é falado também é parte do ofício do escritor

A publicação de mais um número da **Scripta** permite acreditar na continuidade da contribuição deste periódico para ampliar as importantes reflexões sobre as literaturas africanas de língua portuguesa no meio acadêmico brasileiro e internacional.

Eliana Lourenço de Lima Reis
Elzira Divina Perpétua
Inocência Mata